

Discurso de saudação da desembargadora Kathia Albuquerque aos novos dirigentes do TRT da 18ª Região, durante solenidade de posse realizada no dia 28 de janeiro.

Senhoras e Senhores,
Boa tarde!

Uma vez mais, e com o coração tocado pela saudade, faço minhas as palavras da nossa querida amiga e companheira Ialba-Luza Guimarães de Mello, que tanto brilho, sabedoria e alegria emprestou a esta Casa de Justiça - tudo que principia com Deus, que nasce sob a invocação de Deus, n'Ele permanece e n'Ele cumpre o seu destino, sua vocação, seu desiderato. Assim foi, assim é e assim sempre será.

Cumpre-se – se há Deus no coração – o ciclo perfeito, porque há esperança, amor, bondade. Porque a luz há de banhar os dias e as noites, e as tempestades virão e passarão, e nos ensinarão a viver melhor, e nos guiarão pelas veredas da justiça, porque nela está a vida, e em seu caminho não há morte.

Na presença de Deus, saúdo, com imensa honra e alegria, os Excelentíssimos Desembargadores Mário Sérgio Bottazzo e Júlio César Cardoso de Brito, que assumem a direção desta Corte.

Estou firme e inabalavelmente convencida de que, sob a proteção e as bênçãos de Deus, os caminhos da 18ª Região da Justiça do Trabalho hão de ser percorridos com segurança, suavidade e brandura, e os obstáculos, removidos um a um com ciência e arte, e com amor, fruto primeiro e mais emblemático de todos os ensinamentos possíveis.

Excelentíssimo Doutor GENTIL PIO DE OLIVEIRA, pensei, pensei e uma vez mais pensei o que dizer a Vossa Excelência neste momento. Qualquer fala é pequena e pobre. Parabeno-o pela forma como dirigiu nossa Casa, tão amada, tão abençoada, tão iluminada, que assim se apresenta em razão da continuidade que sempre marcou todas as administrações deste Tribunal, começando pela do Desembargador LUIZ FRANCISCO GUEDES DE AMORIN até os dias de hoje. Meu coração sente-se tranquilo: esta marca indelével, a da continuidade, prosseguirá, far-se-á presente também na administração que se inicia.

Parabeno-o, ainda, pela gentileza, tranquilidade e sabedoria que sempre nortearam sua conduta diante dos problemas e decisões mais difíceis. Cada pessoa, individualmente considerada, é um universo, e sou testemunha de que Vossa Excelência ofertou, no exercício da Presidência, o melhor do seu eu individual. Trabalhou, incansavelmente, com total amor à causa e, como é próprio da natureza humana, sob a ótica de quem simplesmente assiste, ou vê a distância, sem o necessário envolvimento, errou e acertou. Resta-me, portanto, neste momento, em nome do Tribunal, jurisdicionados e servidores, agradecer-lo. Desembargador Gentil, em nome de todos, muito obrigada.

Aliás, impõe-se aqui uma justa correção: disse o Desembargador Platon, na última sessão administrativa presidida por Vossa Excelência, decerto por haver experimentado – como eu, como o senhor - a dimensão e a complexidade que encerra o exercício da Presidência –, que eu me equivocara, uma vez que Vossa Excelência só acertou.

Saia com a absoluta certeza do dever cumprido, do dever integralmente cumprido. Que Deus continue a abençoá-lo.

Dr. Bottazzo, permita-me dirigir a Vossa Excelência, neste momento, algumas palavras que reputo especiais.

Especiais não porque proferidas por mim, evidentemente!

Especiais porque concebidas no silêncio da noite, no instante mesmo em que o corpo recolhe-se a sua pequenez, a sua finitude inafastável e estupenda, no interior da noite que no entanto desce pacífica, ordeira, serena, e não atemoriza nem causa nenhum desconforto.

O silêncio faz-se necessário, imprescindível, e urge que o toquemos com mãos delicadas, como se tocássemos os mais finos cristais, aos quais emprestamos todo o nosso cuidado: não quebrá-los é uma lei, um mantra, uma missão. O silêncio e a noite serão sempre meus melhores conselheiros, principalmente porque, todos sabem, não sou uma pessoa silenciosa. Durma com um problema, e acorde com uma solução.

Dr. Bottazzo: Vossa Excelência bem sabe a estima que me habita o coração e que devoto a sua pessoa, e que nasceu de uma longa e estreita convivência que tivemos, em um passado longínquo e saudoso, jovens magistrados que éramos - se bem que, como disse o Desembargador Paulo Pimenta, citando Renato Russo, "ainda somos tão jovens". Remonta àquela longínqua jornada o brotar de uma amizade que se revelou, ao longo dos anos, crescente e sólida, edificada sobre pilares inabaláveis, como o respeito, a verdade, o perdão, a tolerância.

Sim, meu querido amigo Mário, permita-me adentrar ainda mais esse jardim e tecer algumas leves inconfidências, fatos que tão indelevelmente marcaram nossos idos tempos e fizeram de nós o que hoje somos.

Lembra-se, meu querido colega e companheiro, de quando o recebia em casa e, após horas e horas de aprofundados estudos e acaloradas discussões doutrinárias, época em que não tínhamos computadores, em que nossas sentenças eram feitas manualmente ou, quando muito, em máquinas de datilografia, e reuníamos-nos, enlevados por uma doce amizade, você, Ministra Dora, Paulo Pimenta, Paulo Canagê, Gentil, Breno, Aldon e Daniel e, feito crianças, brincávamos de mímica, ríamos em ruidosa e descontraída algazarra, até que nos assaltava a fome, e dávamo-nos conta dessa prosaica circunstância e comíamos a não mais poder? E de quanto nos fartávamos e quantas guloseimas devorávamos, com voracidade de meninos, sem nenhuma culpa? Na época, as únicas crianças que havia eram os filhos do Daniel, os do Paulo Canagê e os seus, o José Guilherme e a Juliana – que, carinhosamente, me apelidou de Tia Kati, nome pelo qual você até hoje me trata.

Toda semana saíamos, o grupo a que me referi. Fazíamos deliciosos e impagáveis churrascos – ora em sua casa, em Goiânia, ora na do Gentil, em Anápolis. Quando não nos reuníamos, qualquer atividade era para nós uma festa, pelo simples fato de vivermos a nossa amizade.

Lembro ainda com saudade do tempo em que Dona Hildegard, uma querida amiga de 84 anos, à época, veio visitar-me em Goiânia, acompanhada de minha saudosa mãe. Prontamente você nos ofereceu um churrasco em sua casa em Rio Verde. Fomos, alegres e felizes. Entretanto, no meio do caminho Dona Hildegard teve um mal súbito, o que nos obrigou a ir diretamente para o hospital de Rio Verde, tendo ela lá ficado internada por longas horas, tomando soro. Você, tão logo soube, foi correndo para o hospital. Após a liberação da Dona Hildegard, finalmente fomos para sua casa. E aí, coberto de gentilezas, de tudo fazia para atender a qualquer necessidade da amiga velhinha: ofereceu água, água de coco, suco, ao que ela lhe respondeu: "Ó nine, doutor! Quero beber o que o senhor está bebendo – caipirinha!" E você, assustadamente, respondeu: "Está louca? Aqui na minha casa a senhora não vai morrer!" Ela, dizendo que felicidade não mata, bebeu, com você, caipirinha a tarde inteira. E foi feliz naquela remota tarde - todos fomos - e viveu ainda por muitos anos. Quanta saudade.

Tudo isso é bom de se recordar, de narrar para os filhos que estão começando a vida agora, para que eles aprendam, desde logo, o valor do companheirismo, da solidariedade, da palavra dita com a alma desnuda, sem rodeios, mas com ternura, com respeito, com tolerância à diversidade de entendimentos, de opiniões, de juízos.

Éramos felizes, prezado Bottazzo, e sabíamos disso.

Lembro como se fosse hoje, ainda, de algumas de suas tão profundas e penetrantes palavras de seu discurso de posse como Desembargador. Vossa Excelência citou a Constituição Francesa de 1795, cujo art. 2º dizia:

Todos os deveres do homem e do cidadão derivam dos dois princípios seguintes, gravados pela natureza em seus corações:

1º) Não façais a outrem o que não quiserdes que se faça a vós; e

2º) Fazei constantemente aos outros o bem que desejais receber.

Trouxe à baila uma grave, porém oportuna e apropriada reflexão acerca de um dos deveres fundamentais do homem: o dever de tolerância. Disse Vossa Excelência:

Sejamos tolerantes, é isso. Eis um dever, acredito, acima de dúvida e de sofisma, especialmente nessa quadra em que vivemos.

Vivemos dias difíceis, dias de desmesurada intolerância, marcados pelo egoísmo, pela vaidade em sua essência, pela ambição sem limites, pela sede de poder, pela total ausência de escrúpulos. Esse cenário, lamentavelmente, ainda emoldura todos os palcos da existência humana: o econômico, o social, o político, o religioso, o cultural, o moral.

O homem evolui sem cessar no domínio da ciência e da tecnologia, mas estanca seu passo e retrocede, contraditoriamente, irracionalmente, imperdoavelmente, quando penetra no campo da ética, da moral, da espiritualidade, da religiosidade.

Ainda não aprendeu, ou aprendeu muito pouco.

O homem vira as costas a Deus, usurpa-Lhe o poder supremo e, insuflando o peito de empáfia, outorga-se o poder de dizer, mais que o direito, de dizer a vida, e de não só desamar ou malamar, também toma para si o poder de desprezar o outro, de reduzi-lo a nada, a meros conceitos, rótulos, estigmas. Age como se fosse um iluminado, um enviado de Deus, mal sabendo que Deus jamais transigiria nessa esfera de valores, e que Ele não compactua com a intolerância nem com tal ordem de comportamento.

Felizes os homens que conseguem entender quão pequeninos somos. Estes homens buscam, incessantemente, na humildade, no silêncio, às vezes no anonimato, crescer e aprender, e na qualidade de aprendizes errantes, fazem-se grandes, agigantam-se, elevam-se moral e espiritualmente.

Posso dizer que este Tribunal não terá apenas um homem culto e inteligente a dirigir-lhe os rumos nos próximos dois anos – é pouco. A longa convivência em que se assenta nossa amizade permite-me conhecer o seu coração, e antever: teremos, sim, um homem inquieto e inconformado com o status quo provedor e retroalimentador de regalias e injustiças. Antevejo também que, se Deus quiser, esse espírito trará a humildade e a tolerância como norte de suas decisões, gerando equilíbrio e serenidade.

Vossa Excelência sempre associou o trabalho à satisfação de necessidades não só materiais ou biológicas, mas à felicidade completa, total, plena. O homem, holisticamente considerado, realizando-se pelo trabalho, colhendo com suas mãos não só os frutos da terra, mas a seiva da alegria, do orgulho de plantar e colher, e de comer o que a terra produziu com seu suor e sonho.

O trabalho, visto assim por sua peculiar e agudíssima ótica, Dr. Bottazzo, é mais que missão, é um estado de espírito, é estado de arte, é a beleza conceitual, estetizada por um viés filosófico, jurídico, antropológico.

Trabalho tem a ver com felicidade, com prazer, com saúde plena - física e emocional. Só queremos ser felizes.

Seja feliz, e faça-nos felizes. Ponto.

Não posso encerrar sem dirigir algumas palavras ao meu também amigo Desembargador Júlio César Cardoso de Brito, que tomou posse como Vice-Presidente da Corte.

Disse, no discurso de saudação a Vossa Excelência, invocando os Salmos:

Bem-aventurado aquele que teme ao Senhor e anda nos seus caminhos.

Pois comerás do trabalho das tuas mãos; feliz serás, e te irá bem.

Digo-o hoje, que o Desembargador Bottazzo terá em sua pessoa, Dr. Júlio, um excelente companheiro de jornada, um auxiliar para toda e qualquer demanda, um magistrado de elevada estirpe, um amigo leal.

Juntos, temos certeza, Vossas Excelências farão esta Casa ainda mais feliz. Feliz a casa que anda assim. Mais felizes, ainda, os filhos e habitantes desta casa.

Para encerrar, confesso que todos os dias da minha vida penso em quanto sou insignificante e o quanto e muito preciso aprender para crescer. Tenho a exata noção de que todos os seres humanos nascem com um potencial equivalente de contração e expansão. Ingredientes de escuridão e luz. É-nos dada, como seres divinos que somos, a escolha do caminho: o da virtude ou o da malevolência. Em larga escala, a dificuldade humana está em cada um, isoladamente, encontrar o equilíbrio e em si mesmo, o seu eixo, os próprios limites. Os nativos de Báli acreditam que no momento do nascimento todo ser é acompanhado por quatro invisíveis irmãos, que serão utilizados durante toda a sua existência e que representam as quatro virtudes necessárias para se ter uma vida segura e feliz: inteligência, amizade, força e poesia.

Vossa Excelência possui as quatro ferramentas. Faça uso delas.

Que Deus – o Juiz entre todos os juízes, nosso único julgador - abençoe e ilumine a sua administração.

Muito obrigada a todos.

Desembargadora KATHIA MARIA BOMTEMPO DE ALBUQUERQUE

20 anos trabalhando por você